

EFICÁCIA DOS MÉTODOS ALTERNATIVOS NA MEDICINA

**Lucas Prata de Oliveira¹, Arthur Mendes Porto Passos², Daniel Rust Elias³,
Mylena Ventury Conterini⁴, Samiry Pereira de Sousa⁵, , Andreia Almeida
Mendes⁶.**

¹Graduando em Medicina, Faculdade de Ciências Gerenciais, hurger2043@gmail.com

²Graduando em Medicina, Faculdade de Ciências Gerenciais, arthurppassos@hotmail.com

³Graduando em Medicina, Faculdade de Ciências Gerenciais, danielrustelias@hotmail.com

⁴Graduando em Medicina, Faculdade de Ciências Gerenciais, samiryp@gmail.com

⁵Graduando em Medicina, Faculdade de Ciências Gerenciais, mylenaventury@gmail.com

⁶ Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG, Graduada em Letras pela UEMG, FACIG, andreialetras@yahoo.com.br

Resumo- Pretende-se neste artigo abordar aspectos teóricos que norteiam a Medicina Alternativa, de modo a analisar a real eficácia dos procedimentos utilizados em tal área da saúde. Diante dessa perspectiva e, simultaneamente, tendo conhecimento acerca da origem histórica desses métodos, nota-se a disseminação de práticas alternativas em nível global e, principalmente, nacional. Exemplo disso é a adesão desses serviços no Sistema Único de Saúde, permitindo que diversas classes sociais utilizem tais mecanismos. Nesse sentido, embora sejam notáveis os benefícios advindos da Medicina Alternativa, algumas práticas ainda não possuem comprovação científica a respeito de sua real eficácia ou dos possíveis malefícios que podem ser acarretados. É possível perceber, nesse contexto, que a utilização dessas práticas é mais rentável em relação à Medicina Alopática, a qual faz uso de agentes farmacológicos e de intervenções físicas em prol do tratamento de doenças e do suprimimento de sintomas ou processos fisiopatológicos. Entende-se, desse modo, a necessidade de maiores investimentos em pesquisas científicas que visem, principalmente, ao conhecimento dos efeitos desses métodos no organismo do indivíduo.

Palavras-chave: Medicina Alternativa. Métodos Alternativos. Real Eficácia.

Área do Conhecimento: Ciências da saúde

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo, sobre o tema “Medicina Alternativa”, tem por objetivo explicar os métodos utilizados dentro da homeopatia, com o intuito de analisar quais os efeitos advindos do tratamento observados nos usuários. Sendo assim, levanta-se como problema, qual a real eficácia de tais métodos, tendo em vista a falta de comprovação científica da maioria desses procedimentos.

A esse respeito, tem-se como metodologia a confecção de uma pesquisa de revisão bibliográfica, a partir de artigos científicos pesquisados através do portal de Periódicos da Capes.

Essa pesquisa se justifica, pois a medicina alternativa caracteriza-se como um segundo caminho dentro da área da saúde, tendo a possibilidade de ser mais rentável e mais acessível para a sociedade como um todo. Além disso, pesquisas referentes ao tema representam um avanço dentro da área científica relacionada à saúde, devendo reunir estudos multidisciplinares, a fim de proporcionar uma melhor qualidade de vida social. É necessário, ainda, levar em consideração as necessidades individuais de cada comunidade.

Tem-se como marco teórico as ideias sustentadas por autores como Caires (2014), França (2008), dentre outros, cuja tese central de seus argumentos aponta que práticas alternativas dentro da medicina podem sim ser muito relevantes se trabalhadas como fatores complementares.

Trabalha-se com a hipótese de que, com estudos e pesquisas científicas suficientes para a comprovação da eficácia de métodos medicinais alternativos na cura de enfermidades e na melhoria de qualidade de vida, as práticas alternativas podem ser enxergadas como uma saída para algumas deficiências encontradas na medicina alopática.

2. METODOLOGIA

O artigo em discussão, acerca da real eficácia dos métodos alternativos na medicina, caracteriza-se por apresentar uma abordagem qualitativa, por intermédio de procedimentos bibliográficos, a partir de levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas.

O estudo referente a esses métodos utilizados na medicina alternativa apresentou uma natureza básica, com o intuito de gerar conhecimentos novos, de modo a não serem voltados a uma aplicação prática prevista, tendo como procedimento a revisão bibliográfica.

Dessa forma, para a elaboração do artigo, utilizaram-se trabalhos acadêmicos provenientes do Portal de periódicos da CAPES, filtrando-os a partir das palavras chaves "Medicina Alternativa", "Métodos Alternativos", "Real Eficácia" presentes no artigo em questão. Além disso, optou-se pela utilização de artigos mais recentes e em Língua Portuguesa.

3. HISTÓRICO DA MEDICINA ALTERNATIVA

Igualmente a todas as ações dos seres humanos, registros mostram que a medicina foi aplicada de acordo com o contexto, a cultura, os costumes, os materiais e a tecnologia disponível de certos grupos em determinado período histórico. Atualmente, a medicina mais usual é a Ocidental, que tende ao modelo biomédico e possui grande adesão mundial devido a sua eficácia na solução de enfermidades. Porém, recentemente, a medicina ocidental vem causando certa insatisfação na população, devido às diretrizes baseadas na cura da doença e aos altos custos das medicações impostas pela indústria farmacêutica. Tal modelo abstém parcialmente da promoção de saúde; assim, o modelo biomédico visa ao tratamento da enfermidade com farmacológicos industrializados o que, na maioria das vezes, trazem consigo tanto soluções, quanto novos problemas que podem perdurar para o resto da vida dos usuários (OTANI, BARROS, 2008).

O desinteresse pelo modelo biomédico vem gerando um aumento progressivo da procura por métodos alternativos de tratamento e promoção da saúde. Com isso, está havendo uma ampliação do mercado em questão: profissionais estão se melhor capacitando para que os novos interesses populacionais sejam atendidos com a melhor qualidade e eficácia possível. Áreas da medicina como Nutrologia e Medicina Integrativa vêm ganhando bastante visibilidade na comunidade médica, uma vez que a demanda por esses tipos de serviço tem aumentado (OTANI, BARROS, 2008).

Apesar da alta procura pela Medicina Alternativa recentemente, tal modelo não é nada inovador e acompanha a humanidade desde os seus primórdios. Fármacos advindos de recursos naturais já eram utilizados, com intuito de tratamento e prevenção, pelas primeiras civilizações que habitaram o Planeta Terra, como Chineses, Incas, Egípcios, entre outros povos antepassados (ANDRADE, CARDOSO, BASTOS, 2007).

Todo o conhecimento que se tem hoje sobre a Medicina Homeopática foi adquirido, moldado e trabalhado em conjunto com os saberes do senso comum, que induzem uma relação íntima e integrativa entre a cultura, o contexto e a saúde de certo grupo populacional. A medicina alternativa, cada vez mais, está superando os limites dos seus locais de origem e vem sendo introduzida no meio urbano nas duas últimas décadas (ALVIM *et al*, 2006).

De acordo com alguns pesquisadores, a fitoterapia (que é um ramo da medicina alternativa) já era praticada no Império Chinês durante o período de 2.838-2.698 a. C., diversas plantas foram analisadas e usadas como forma de tratamento. Registros em livros portugueses de farmacologia do século XVIII mostravam que o Reino de Portugal e suas colônias faziam o uso de plantas, minerais e produtos de origens animais como forma de tratar e potencializar a saúde (FIRMO *et al*, 2012).

4 EXEMPLOS DE MÉTODOS ALTERNATIVOS

4.1. FITOTERAPIA

A fitoterapia, que tem como significado terapia através das plantas, é de grande importância na preservação das condições de saúde das pessoas. A utilização destas, com fins medicinais, para tratamento e prevenção de doenças, é uma das mais antigas maneiras de prática da humanidade em medicina. Nesse método, diversas partes das plantas são aproveitadas, como raízes, cascas, folhas, frutos e sementes, utilizando esses elementos para diferentes formas de preparação, sendo o chá o mais usufruído (JUNIOR, PINTO, MACIEL, 2005).

A medicina fitoterápica dispõe de diversas plantas como: hortelã, utilizado como calmante, também contra secreções, vômito, cólicas uterinas; erva doce combate a cólica, a prisão de ventre e a dor de cabeça; erva cidreira que combate a insônia e dores gastrointestinais; camomila usadas contra diarreia, náuseas, infecções urinárias; boldo que combate dor de estômago, azia e má digestão; alecrim que é usado como calmante e tônico para o coração, dentre outros (REZENDE *et al*, 2002).

É possível notar que pessoas que utilizam de tais métodos fazem o uso dos fitoterápicos tanto para fins curativos quanto preventivos, sendo que a maioria fazia o uso somente quando se sentiam mal ou doentes. Além disso, nota-se também que a utilização dessa medicina alternativa é feita como forma de tratamento junto com medicamentos industrializados; no entanto, ainda existem várias dúvidas em quando e qual planta deve ser usada, para isso, é necessário um profissional nessa área para orientar e informar a utilização adequada (REZENDE *et al*, 2002).

Vale ainda salientar que a produção de fitofármacos, substância medicamentosa cujos componentes terapeuticamente ativos são extraídos de vegetais ou seus derivados, deveria ser considerada num período futuro, pois é muito pouco provável que um composto tirado de uma planta se transforme num medicamento, mas sim num protótipo que permita a produção de similares com as propriedades que um fármaco exige (YUNES, PEDROSA, CECHINEL FILHO, 2001).

4.2. ACUPUNTURA

A acupuntura, prática crescente da medicina alternativa, busca a cura de enfermidades a partir de estímulos em pontos específicos sobre a pele. Tal prática encontrou, ao longo dos anos, extrema resistência no ocidente, além de, por ter sido vista como uma prática puramente mística, o estudo sobre acupuntura se mostrou insuficiente ou negligenciado por boa parte do mundo, por um grande período de tempo. Entretanto, a prática conseguiu ganhar prestígio, devido ao seu sucesso, após ser enxergada como forma de tratamento de doenças (PANTANO, 2011).

Com o consentimento do paciente, a técnica da acupuntura consiste em, a partir de agulhas, de lasers ou de pressão, estimular os acupontos, que são pontos específicos no corpo. Estimular esses pontos significa um acesso prático ao sistema nervoso central, já que tais locais possuem uma alta concentração de nervos sensitivos (RIZZO SCOGNAMILLO SZABÓ, BECHARA, 2001).

Além disso, pesquisas apontam um grande número de mastócitos relacionado a esses acupontos. Os mastócitos são células originadas da linhagem hematopoiética, ficando então, preferencialmente perto de vasos sanguíneos e tendo papel importante nas reações inflamatórias e na defesa de helmintos e de bactérias. Portanto, com associações entre mastócitos e células nervosas nos acupontos, com possível desgranulação dos mastócitos após o estímulo sobre a área e com a alta condutância e baixa resistência nos acupontos, é plausível relacionar a prática de acupuntura com melhoria da saúde relacionada a inflamações a doenças parasitárias (RIZZO SCOGNAMILLO SZABÓ, BECHARA, 2001).

A resolubilidade da prática de acupuntura em um paciente pode ser grande e abrangente, englobando enfermidades nervosas, endócrinas, digestórias, ósseas, musculares e ainda problemas de estresse, ajudando em casos como os de ansiedade e depressão (PALMEIRA, 1990).

Uma pesquisa realizada com 33 enfermeiras em 11 Unidades Básicas de Saúde do município de São Paulo que praticavam acupuntura foi aprovada pelo Conselho de Ética da prefeitura do município, conseguindo, a partir de questionários, mostrar que a acupuntura consegue ser amplamente resolutive. Tal pesquisa revelou, que nas 11 Unidades Básicas, as enfermidades mais tratadas a partir da prática alternativa foram: ansiedade, enxaqueca, escoliose, lombalgia, mioma e obesidade (KUREBAYASHI *et al*, 2009).

Por outro lado, é contraindicada a prática de acupuntura em áreas corporais com problemas dérmicos e em gestantes. Além disso, é de extrema importância que a acupuntura seja feita a partir do diagnóstico médico para o problema do paciente e segundo suas necessidades individuais, a fim de se evitar a banalização dessa prática (RIZZO SCOGNAMILLO SZABÓ, BECHARA, 2001).

5. MEDICINA COMPLEMENTAR NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

É notório que a medicina complementar vem crescendo cada vez mais, alcançando atenção midiática, setores econômicos e até mesmo o Sistema Único de Saúde. Atualmente, serviços relacionados aos métodos alternativos da medicina são disponibilizados nos ramos da saúde pública, como: fitoterapia, massoterapia, acupuntura, auriculoterapia, dentre outros (CARVALHO DE SOUSA, STIEBLER VIEIRA, 2005).

A prática da acupuntura, por exemplo, foi acrescentada ao SUS através da Portaria 971, publicada pelo Ministério da Saúde em 2006, a qual aprovou práticas integrativas e complementares no sistema público de saúde do Brasil (RIZZI CINTRA, FIGUEIREDO, 2010).

No Sistema Único de Saúde, a demanda por consultas geralmente é muito grande, vinculado a isso, o paciente acaba passando por vários profissionais, a fim de se livrar das dores, alergias ou problemas emocionais que desestabilizam a qualidade de vida do indivíduo. Entretanto, em certos casos, a medicina alopática pouco pode fazer; por esse motivo, foi essencial a adição da homeopatia

para complementar as práticas alopáticas tradicionais (CAPPELLETI NAGAI, SOUZA QUEIROZ, 2011).

A cada ano que passa, aumenta o número de capacitação de indivíduos nas práticas integrativas, dentre elas está a meditação, o *tui-na*, o *liang gong* e a acupuntura, sendo elas executadas em trezentas unidades de saúde do município de São Paulo (RIZZI CINTRA, FIGUEIREDO, 2010).

Pode-se notar que a homeopatia traz consideráveis benefícios à saúde do indivíduo, entretanto, por muitas vezes, ela é considerada pela medicina alopática como uma conduta não científica, visto isso, é por esse e outros motivos burocráticos que os métodos complementares na medicina ainda encontram barreiras para serem adotados por alguns profissionais. No entanto, apesar das dificuldades, é perceptível também grandes avanços da homeopatia no sistema de saúde pública, como a distribuição de medicamentos fitoterápicos aos usuários da Unidade de Saúde de Campinas pelo projeto “Botica Saúde”, no qual cerca de dez mil pessoas são beneficiadas (CAPPELLETI NAGAI, SOUZA QUEIROZ, 2011).

Diante de todos os obstáculos para a adesão de práticas integrativas, cabe ao Poder Público incentivar a inserção de tais métodos no SUS, uma vez que além de possuir menor custo quando comparado à medicina alopática, é evidente que são positivos os resultados obtidos com o uso da homeopatia. Por esse motivo, é essencial o investimento no ramo da pesquisa e, posteriormente, na inserção de novos profissionais qualificados (SANTOS *et al*, 2009).

6. BENEFÍCIOS DOS MÉTODOS ALTERNATIVOS

No contexto vivenciado atualmente, percebe-se como os estudos a respeito da medicina tradicional vêm ganhando cada vez mais espaço nas discussões voltadas à saúde. Essa maior atenção é justificada pelo contingente de informações e esclarecimentos oferecidos, em grande frequência, à Ciência. Tal fenômeno é responsável pela utilização conjunta dos medicamentos de origem vegetal - chás, tisanas, tinturas medicinais, dentre outros - e a terapêutica convencional em prol da prevenção e do tratamento de doenças (VALE *et al*, 2002).

Nesse sentido, visando a uma política de saúde voltada a uma assistência eficaz e humanizada, porém que independa das ciências farmacêuticas, foi observado, na contemporaneidade, um interesse governamental e profissional, em associar o progresso tecnológico não somente ao conhecimento popular, mas também ao desenvolvimento sustentável (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

Vale ressaltar, ainda, que o alto custo da assistência médica privada associado à precariedade da assistência prestada pelos serviços públicos, além do ônus elevado dos alopáticos, constituem alguns dos principais motivos, em escala global, para uma maior adesão à medicina natural (FRANCO *et al*, 2003).

Diante dessa perspectiva, observa-se como a utilização das terapias complementares tem-se tornado cada vez mais comum no ramo da medicina, visto que as vítimas de doenças consideradas incuráveis, por exemplo, são atraídas pela oportunidade de terem meios alternativos de cuidados. A procura por essas terapêuticas visa tanto ao auxílio do tratamento convencional, quanto ao melhoramento da qualidade de vida, de modo a integrar as terapias que sejam compatíveis com os princípios dos cuidados paliativos, com as relacionadas à autonomia do indivíduo (AMARAL *et al*, 2013).

A utilização das terapias complementares nos pacientes que estejam sob cuidados paliativos, pode ser benéfica em diversos sentidos. Promover um relaxamento e dar oportunidade a um contato mais próximo entre profissional e paciente, caracterizam-se como algumas das vantagens citadas anteriormente. Tais terapias podem, ainda, serem usadas com o intuito de evitar a depressão, ao promover, por exemplo, ações que facilitem a interação entre os pacientes e suas respectivas famílias. Além disso, melhorar a qualidade de vida e aumentar a eficácia dos medicamentos no controle da dor, também se caracteriza como objetivos de tais métodos alternativos. Exemplo disso, é a musicoterapia - considerada uma das áreas abrangentes pela medicina tradicional -, a qual, além de agir nesse sentido, atua também em prol da vitalidade das relações familiares e sua consequente fraternização (SOUZA CAIRES *et al*, 2014).

Um estudo realizado na cidade do Texas-EUA revelou que, massagem, acupuntura e musicoterapia são as principais modalidades terapêuticas complementares utilizadas entre os participantes de tais pesquisas. O uso desses métodos considerados alternativos baseiam-se em um principal objetivo: complementar o tratamento convencional, de modo a controlar sintomas ou possíveis problemas psicológicos, emocionais e/ou físico, como ansiedade, depressão, dor, dentre outros. No entanto, melhorar a qualidade de vida e fortalecer o vínculo entre paciente, família e profissional também são considerados objetivos de tais medidas (SOUZA CAIRES *et al*, 2014).

7. CONCLUSÃO

Possuindo um caráter complementar, a medicina alternativa apresenta, portanto, a característica de ser mais rentável e ter uma taxa de resolubilidade satisfatória e não alopática.

Com diversas origens e múltiplas práticas, a medicina complementar, a partir de métodos de massagem, de estimulação de funções corporais favoráveis e de terapia através de conteúdo natural, busca a harmonia corporal. Com o crescimento dessas práticas, espera-se que o uso de manipulados diminua, principalmente àqueles relacionados à ansiedade, enxaqueca, escoliose e obesidade.

Porém, é importante salientar que os estudos sobre essas práticas médicas ainda não estão nem perto de serem encerrados, e esse fato levanta algumas dúvidas a respeito da real eficácia da medicina alternativa dentro da sociedade. Sabe-se, contudo, que pesquisas a esse respeito é extremamente pertinente, visto que alguns desses métodos, como a acupuntura, já provaram que são realmente relevantes para o tratamento de algumas complicações.

Além disso, deve-se pontuar que os estudos e conclusões de pesquisas sobre medicina complementar são, muitas vezes, limitados devido a conflitos de interesses, ainda mais relacionado à indústria farmacêutica.

Pelos fatos mostrados e pelas discussões levantadas neste artigo, percebe-se que o correto é dar continuidade aos estudos que dizem respeito ao tema, a fim de avançar nas pesquisas e descobrir a real eficácia por trás dessas práticas.

8. REFERÊNCIAS

ANDRADE, S.F.; CARDOSO, L.G.; BASTOS, J.K. Anti-inflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populonic acid from bark wood of *Austroplenckia populnea*. **Journal of Ethnopharmacology**, v.109, n. 3, p. 464-471, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/2NBwX2>> Acesso em: 19.ago.2017.

CAPPELLETI NAGAI, Silvana; SOUZA QUEIROZ, Marcos de. Medicina complementar e alternativa na rede básica de serviços de saúde: uma aproximação qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 3, 2011. Disponível em <<http://www.redalyc.org/html/630/63018467015/>> Acesso em: 22.ago.2017.

CARVALHO DE SOUSA, Islândia Maria; STIEBLER VIEIRA, Ana Luiza. Serviços públicos de saúde e medicina alternativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. Sup, 2005. Disponível em <<http://www.redalyc.org/html/630/63009926/>> Acesso em: 22.ago.2017.

FIRMO, Wellyson da Cunha Araújo et al. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Cadernos de Pesquisa**, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/L9PorU>> Acesso em: 20.ago.2017.

FRANÇA, Inácia Sátiro Xavier de et al. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 61, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2670/267019607010/>> Acesso em: 22.ago.2017.

JUNIOR, Valdir F. Veiga; PINTO, Angelo C.; MACIEL, Maria Aparecida M. Plantas medicinais: cura segura. **Química nova**, v. 28, n. 3, p. 519-528, 2005. Disponível em: <<http://submission.quimicanova.sbq.org.br/qn/qnol/2001/vol24n1/24.pdf>> Acesso em: 22.ago.2017.

KUREBAYASHI, Leonice Fumiko Sato et al. Enfermidades tratadas e tratáveis pela acupuntura segundo percepção de enfermeiras. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, n. 4, p. 930-936, 2009. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/4158>> Acesso em: 21.ago.2017.

PADOVAN OTANI, Márcia Aparecida; FILICE DE BARROS, Nelson. A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. **Ciência & saúde coletiva**, v. 16, n. 3, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/wG8KML>> Acesso em: 19.ago.2017.

PALMEIRA, Guido. A acupuntura no ocidente. **Cadernos de saúde pública**, v. 6, n. 2, p. 117-128, 1990. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1990000200002&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em: 21.ago.2017.

PANTANO, Marianna. **Bases Científicas da Acupuntura**. 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120402/pantano_m_tcc_botfmvz.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19.ago.2017.

REZENDE, Helena Aparecida de et al. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Revista da escola de enfermagem da USP**, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n3/v36n3a10>> Acesso em: 22.ago.2017.

RIZZI CINTRA, Maria Elisa; FIGUEIREDO, Regina. Acupuntura e promoção de saúde: possibilidades no serviço público de saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 32, 2010. Disponível em <<http://www.redalyc.org/html/1801/180114110012/>> Acesso em: 22.ago.2017.

RIZZO SCOGNAMILLO SZABÓ, Márcia Valéria; BECHARA, Gervásio Henrique. Acupuntura: bases científicas e aplicações. **Ciência rural**, v. 31, n. 6, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-84782001000600029&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 19.ago.2017.

SANTOS, Francisco Assis da Silva et al. Acupuntura no Sistema Único de Saúde e a inserção de profissionais não-médicos. **Rev Bras Fisioter**, v. 13, n. 4, p. 330-4, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfis/2009nahead/aop041_09.pdf> Acesso em: 22.ago.2017.

SOUZA CAIRES, Juliana et al. A utilização das terapias complementares nos cuidados paliativos: benefícios e finalidades. **Cogitare Enfermagem**, v. 19, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4836/483647662012/>> Acesso em: 22.ago.2017.

TITONELLI ALVIM, Neide Aparecida et al. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino-americana de enfermagem**, v. 14, n. 3, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/VHDeur>> Acesso em: 20.ago.2017.

YUNES, Rosendo A.; PEDROSA, Rozangela Curi; CECHINEL FILHO, Valdir. Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil. **Química nova**, v. 24, n. 1, p. 147-152, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/qn/v28n3/24145>> Acesso em: 22.ago.2017.